

ADRIANO SILVA

**TREZE
MESES
DENTRO
DA**

uma aventura
corporativa
exemplar

ROCCO

*Para Emerson, Perseu, Tânia, Jerônimo, Eliane,
Álvaro, Alexandrinho e Fernandão*

Para Vivian Wyler, in memoriam

Para Geneton Moraes Neto, in memoriam

Introdução

O que você tem em mãos são as memórias completas dos meus 400 dias no *Fantástico*.

Este é o relato de um entusiasmo — a alegria de fazer televisão, de trabalhar na TV Globo, de morar no Rio de Janeiro. E da trajetória percorrida por esse entusiasmo ao longo de treze meses.

As histórias de vida corporativa que vêm à tona são geralmente casos de sucesso estrondoso, jornadas em que os percalços são sempre superados e em que o esforço sempre é recompensado com um final feliz. Isso permite ao leitor dormir tranquilo, como se todos os conflitos pudessem ser resolvidos a contento e como se tudo fosse sempre terminar bem.

A história que vou contar aqui é um pouco diferente.

Trata-se de uma aventura executiva cheia de descobertas. De espantos. E de aprendizagens.

Aprendi muito sobre mundo corporativo, sobre televisão, sobre mim mesmo.

Aprendi, inclusive, que há mais de um jeito de uma história “terminar bem”. E que o final pode ser “feliz” mesmo quando não acontece exatamente do jeito que imaginávamos.

Foi com esse espírito que decidi revelar aqui o que a maioria das pessoas busca esconder — a minha própria caixa-preta.

Creio que esse relato reúne elementos suficientes para interessar a quem queira saber mais sobre jornalismo e jornalistas, sobre televisão, sobre os bastidores das redações, sobre o mercado de comunicação, sobre a indústria da mídia em geral.

Assim como penso que esse livro pode interessar a quem gosta de ler sobre vida executiva, sobre gestão de pessoas e de carreira, sobre o funcionamento subterrâneo das grandes empresas.

Essa é uma história sobre relações humanas no ambiente de trabalho, sobre competição interna, sobre montagem de times e administração de talentos, sobre reação à mudança e sobre adaptação em um ambiente novo, sobre tensões hierárquicas, sobre as pontes e os espaços vazios que se estabelecem entre chefes e subordinados, e entre pares, no dia a dia de uma grande empresa.

Essa é a minha história. A história que me coube contar.

Essa é uma história sobre relações humanas no ambiente de trabalho, sobre competição interna, sobre montagem de times e administração de talentos, sobre reação à mudança e sobre adaptação em um ambiente novo, sobre tensões hierárquicas, sobre as pontes e os espaços vazios que se estabelecem entre chefes e subordinados, e entre pares, no dia a dia de uma grande empresa.

Junho de 2006.

O Brasil se preparava para capengar na Copa do Mundo da Alemanha. E eu estava exausto. Tinha 35 anos e era diretor do Núcleo Jovem da Editora Abril. Cuidava de todos os títulos destinados ao público jovem na maior casa editorial da América Latina, tanto do ponto de vista jornalístico quanto de negócios — da *Superinteressante* à *Capricho*, de *Mundo Estranho* à *Bizz* e *Supersurf*.

Depois de ter sido um diretor de redação na Abril, ao fim de uma época em que essa era uma das melhores posições para um jornalista no Brasil, e depois de ter vivido cinco grandes exercícios à frente da *Superinteressante*, eu havia sido promovido àquele cargo que cada vez mais me levava para perto das finanças e para longe das funções editoriais. E que me demandava cada vez mais presença em reuniões comerciais e menos convívio com a Redação. Estava ficando muito árido atravessar os dias correndo atrás dos números, quando eram as palavras que davam sentido à minha vida.

Quando ficou claro que era mais importante, para o bom desempenho das minhas funções, que eu acompanhasse as no-

tícias do mercado publicitário, pela imprensa especializada no segmento, do que me instruisse jornalisticamente nas melhores publicações do mundo, como a revista americana *Time* ou a inglesa *The Economist*, decidi que era hora de mudar. Meu casamento com a Abril havia sido espetacular, cheio de alegrias e de conquistas. E já durava quase nove anos. Mas talvez estivesse de fato chegando ao fim.

Paulo Nogueira, que havia sido meu chefe por muitos anos na Abril, era agora o diretor-editorial da Editora Globo. Eu tinha vindo para a Abril a convite dele. Eu havia colaborado com a revista *Exame*, que Paulo dirigira com brilhantismo nos anos 90, enquanto fazia meu Master in Business Administration (MBA), ou mestrado em Administração de Negócios, na Universidade de Kyoto, no Japão, entre 1995 e 1998. Em pouco mais de dois anos, publiquei quase 50 artigos na mais influente revista de negócios do país. Foi assim, meio sem querer, escrevendo ensaios e pensatas sobre a economia brasileira, do outro lado do mundo, que virei jornalista.

Um ano antes do fim do meu mestrado japonês, Paulo fez o convite para que eu viesse trabalhar na *Exame*. Meus planos naquele momento não incluíam uma volta ao Brasil: eu pensava em seguir no exterior, virar um executivo de marketing numa multinacional e levar adiante a minha vida de expatriado. Eu mirava em Nova York, Chicago, São Francisco e Los Angeles. Não descartava Miami ou Houston. E tinha medo de São Paulo — o projeto que acabou preponderando. Em abril de 1998, finalmente, virei paulistano e ocupei pela primeira vez uma cadeira numa Redação — duas ideias que inexistiam no meu radar quando saí do país para estudar.

Depois da *Exame*, trabalhei com Paulo também na Unidade de Negócios (de revistas) Masculinas, que ele passou a dirigir na Abril a partir do início do ano 2000. Paulo me convidou para assumir a direção de redação da *Superinteressante* e... bem, essa

é outra história, a ser contada como se deve num outro episódio dessa Trilogia.

Aquele ano de 2006 era o primeiro de Paulo na Editora Globo, depois de uma carreira de 25 anos, cheia de realizações, na Abril. Paulo havia aceitado o convite da Editora Globo com a missão de elevar a qualidade editorial das suas publicações, que até então nunca haviam conseguido competir de verdade com os títulos da Abril.

Paulo estava ainda em processo de montagem do seu time na Editora Globo e havia me sondado para assumir uma posição por lá. Ele tinha planos ousados para a Editora. Alguns ele conseguiu levar a cabo — a reforma editorial que injetou vida e relevância na revista *Época*, a criação da *Época Negócios*, que buscava inaugurar por aqui um jornalismo de negócios voltado à inovação, e o lançamento da *Época São Paulo*, a tentativa de trazer para o país o modelo de revista mensal de cidade adotado em algumas grandes capitais do mundo, em detrimento de simplesmente reproduzir o formato vitorioso de revista semanal da *Veja São Paulo*, da Abril, a “Vejinha”, pioneira e líder desse segmento no Brasil. (A *Época São Paulo* deixaria de circular regularmente em papel em janeiro de 2014.)

Respondi a Paulo que no mundo das Organizações Globo o meu maior interesse era a TV. Aquele duro biênio de 2005 e 2006, em que vivi agastado por aquela posição de diretor de Núcleo, havia me exaurido em relação à mídia impressa. Foi precisamente aquela minha angustiada rotina de vendedor de anúncios e de projetos comerciais, no entanto, que me permitiu estar próximo do mercado publicitário e constatar a facilidade com que a TV Globo atraía a maior parte dos investimentos publicitários no país.

Entre os grandes anunciantes e as grandes agências, somente o que sobrava das verbas destinadas à TV Globo era dividido

entre outros veículos e outros meios. A própria Editora Abril, com toda a sua respeitabilidade e o seu porte, à época, vivia na incômoda posição de só almoçar depois que a TV Globo tivesse se levantado da mesa. A vida era dura para quem vivia de vender revistas.

Mesmo dentro do mundo Abril, a *MTV — Music Television*, o canal de televisão para adolescentes que a Abril havia trazido ao Brasil, em acordo com a americana Viacom, no início dos anos 90, e cujo projeto foi encerrado em 2013 — também parecia ter muito mais facilidade para desenvolver projetos bacanas do que a maioria dos veículos impressos da casa. Eu sentia isso na carne. Como diretor do Núcleo Jovem, eu era uma espécie de competidor interno da *MTV*.

Em 2006 era mais fácil vender um projeto de 1 milhão de reais em televisão do que um projeto de 100 mil reais em revista ou do que um projeto de 10 mil reais na internet.

Na televisão, haveria melhores condições financeiras para a implementação de boas ideias editoriais — ou simplesmente para tocar o dia a dia com mais alegria, atuando como editor e não como executivo de vendas. Na televisão, os projetos que eu desenvolveria falariam com milhões de telespectadores vidrados — e não mais com alguns milhares de leitores minguantes, em movimento de deserção.

A TV Globo, portanto, parecia oferecer um ambiente de trabalho mais favorável — coisa da qual, naquele momento, eu me ressentia muito. Claro que eu tinha amigos que haviam passado por televisão e claro que eles me apresentavam uma visão bem menos ingênua e deslumbrada do trabalho em telejornalismo ou mesmo na própria TV Globo. Mas há momentos em que você só ouve aquilo que quer ouvir.

Era assim que eu me via naquele momento: nada podia ser mais desgastante do que seguir naquele cotidiano renhido, avan-

çando por uma estrada que só me afastava daquilo que eu realmente queria fazer — pautar, editar, escrever, publicar conteúdo. Então fui alimentando o sentimento de que não tinha muito a perder. Para mim, era assim: vivíamos no país da televisão. Não éramos um país de leitores. O futuro para produtores de conteúdo era a linguagem audiovisual, o meio eletrônico, imagens em ação. Era isso que eu queria fazer.

Paulo aquiesceu e em seguida me colocou em contato com Luis Erlanger, à época diretor da Central Globo de Comunicação (CGCOM). Paulo e Erlanger participavam semanalmente do Conselho Editorial das Organizações Globo, o Conedit, que reunia no Rio, toda terça de manhã, os responsáveis pelo jornalismo de todos os veículos das Organizações, entre alguns outros altos executivos da casa.

Troquei alguns e-mails com Erlanger. Ele foi simpático e deixou claro que quem decidiria sobre a minha contratação era Carlos Henrique Schroder, na época diretor da Central Globo de Jornalismo (CGJ). A TV Globo se dividia basicamente em CGJ, responsável por toda a produção jornalística e de esportes, e Central Globo de Produção (CGP), encarregada de toda a produção artística e de entretenimento da emissora.

Em 2009, Schroder seria promovido a um novo cargo, que não existia naquela época: Direção-Geral de Jornalismo e Esporte (DGJE). No inverno de 2006, quando o conheci, ele já era responsável pela divisão de Esportes, importantíssima para a TV Globo, comandada por Luiz Fernando Lima. Mas não tinha ainda essa função expressa no seu cartão de visitas. De resto, pouco mudou com o novo cargo: Schroder continuou comandando todo o aparato jornalístico e esportivo da TV Globo, função que o tornava o jornalista mais poderoso do Brasil.

A mudança, em 2009, além de fazer justiça a Schroder, também permitiu que Ali Kamel, na época o diretor-executivo da

CGJ, adjunto de Schroder, assumisse como o número 1 da CGJ. Ali atuava bastante próximo à cobertura política da emissora e à pauta do *Jornal Nacional*.

Mais tarde, em setembro de 2012, 28 anos depois de ingressar na emissora, coroando uma carreira exemplar, Schroder seria anunciado como o novo diretor-geral da TV Globo — o principal executivo da empresa —, passando a responder diretamente aos acionistas, em substituição a Octávio Florisbal, que ocupava o cargo desde 2002 e que passaria a integrar o Conselho de Administração da emissora a partir de janeiro de 2013.

Ali Kamel seria promovido à Direção-Geral de Jornalismo e Esporte (DGJE) e Silvia Faria, que havia substituído Ali em 2009 na direção executiva do jornalismo, o substituiria novamente, agora como número 1 da CGJ. Mariano Boni, diretor de jornalismo em Brasília, seria efetivado como novo diretor-executivo da CGJ, o segundo de Silvia, em julho de 2013. Em janeiro do mesmo ano, Renato Ribeiro, outro diretor-executivo de jornalismo, assumiria a direção da Central Globo de Esporte (CGE), em substituição a Luiz Fernando Lima, que deixaria a empresa.

(Pouco tempo depois a TV Globo passaria a assinar seus programas, nas cartelas de encerramento, apenas com “Jornalismo”, “Entretenimento” e “Esporte”, sem mencionar mais as “Centrais”.)

Em seguida fui almoçar com Erlanger no Rio. A ideia era falarmos um pouco da rotina em televisão e das reais chances que eu tinha de realizar aquele salto da mídia impressa para a mídia eletrônica. Erlanger tinha feito essa mudança de carreira havia pouco mais de uma década, vindo do jornal *O Globo*. Ele se posicionava como um facilitador e se oferecia para fazer a ponte com Schroder.

Ao fim desse almoço, cruzamos com Schroder e Ali, que saíam com um grupo de um espaço do restaurante executivo da TV Globo reservado para reuniões. Erlanger me apresentou aos dois. Schroder foi polido e econômico. Ali gastou mais tem-

po comigo. Achou engraçado eu dirigir o Núcleo “Jovem” da Abril. Depois, criticou a *Superinteressante*, quando eu lhe disse que aquele era o principal título sob minha direção. Alegou que havíamos dado em algum momento uma capa sobre o Islã em que havia erros de informação. Afirmou que assinava a *Superinteressante* para as suas enteadas — e que tinha cancelado a assinatura da revista por conta daquela reportagem. Foi meu primeiro contato com Ali. Sua fala tinha um ritmo cadenciado. Havia um meio sorriso em seu rosto que repousava mais em seus olhos oblongos do que propriamente em sua boca.

Se um jato de feromônios realmente traçou uma risca à minha frente, o fato é que aquilo não me intimidou. Na sequência escrevi um e-mail a Schroder, formalizando meu interesse em trabalhar em televisão. A partir daí começamos a trocar algumas mensagens. Eu, floreando o estilo, tentando mostrar a minha técnica. Schroder, sucinto, objetivo. Não demorou muito e ele me convidou para almoçar. Voltei à rua Lopes Quintas, à mítica sede da TV Globo, no Jardim Botânico, cujo prédio relativamente modesto e originalmente pintado de azul e prata rendeu à emissora, por algum motivo, o apelido de “Vênus Platinada”.

No espaço relativamente exíguo do restaurante executivo da empresa, você via William Bonner numa mesa, Galvão Bueno noutra, mais adiante Mário Lúcio Vaz — na época, diretor-geral artístico da emissora, o responsável pelo conteúdo não jornalístico da TV Globo, em especial pelas novelas. A decoração antiga, um bocado escura, me evocava um clássico restaurante português do Rio nos anos 70. Talvez ainda guardasse o estilo da época em que fora inaugurado — o que tornava aquela imersão ainda mais interessante e mágica. Como se José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, Walter Clark e Joe Wallach ainda almoçassem ali com seus diretos. (Alguns dos quais ainda frequentavam aquelas mesas em 2006.)

Me apresentei a Schroder. Conteí um pouco do que havia feito e lhe disse que o que mais me incomodava naquele momento de minha carreira era o crescente afastamento das funções editoriais para assumir responsabilidades comerciais e financeiras. Ele foi enfático numa resposta que me entusiasmou — “Aqui não existe essa possibilidade”. Ele me ouvia, embora tenha passado boa parte do almoço olhando para a televisão que ficava atrás de mim, acompanhando um de seus telejornais.

A conversa evoluiu rápido. Schroder era um cara prático. Ele não demonstrava muito interesse nas medalhas que eu havia conquistado na Abril e que ia colocando sobre a mesa. Como se o mundo das revistas fosse irrelevante naquele ambiente. Ou como se já soubesse o que tinha que saber sobre mim com base no nosso contato pessoal, da nossa troca de e-mails e de sua conversa a meu respeito com Paulo Nogueira, meu antigo chefe — de quem também era colega nas reuniões de terça do Conedit. Percebi que uma porta havia se aberto. Aquela oportunidade ia ficando cada vez mais viva à minha frente. Uma sensação boa começou a se formar dentro de mim.

Schroder me perguntou o que eu gostaria de fazer na TV Globo. Disse a ele que enxergava no *Globo Repórter* a maior oportunidade editorial da casa. Além disso, tratava-se de um programa em formato de revista semanal, o que o colocava mais próximo do meu mundo.

Via espaço para uma grande reportagem em profundidade sobre o tema mais candente da semana. E também para matérias de tradução, de explicação, que esmiuçassem temas importantes e mais complexos que não tivessem podido ser suficientemente trabalhados na cobertura diária. (“Matéria”, no jargão jornalístico, quer dizer reportagem, material editado, conteúdo pronto para ser publicado.) Essa era a minha visão.

Esse tipo de jornalismo, encravado na investigação e na linguagem do documentário, era escasso — e, ainda hoje, faz muita falta. Havia algumas reportagens especiais em alguns programas. Mas elas iam ao ar muito raramente e quase sempre com restrições importantes de tempo impostas pelo formato dos telejornais em que eram exibidas. Os programas jornalísticos existentes estavam de modo geral montados para absorver o noticiário comum e não para a veiculação de grandes reportagens investigativas.

Alguns meses antes, em março de 2006, o *Fantástico* havia rompido com o seu encadeamento ordinário para veicular “Falcão — Os Meninos do Tráfico”, uma matéria de 58 minutos carpicada pelo editor Frederico Neves, o Fred, e pelo produtor Carlos Eduardo Salgueiro, o Cadu, a partir de um material inédito e poderoso sobre os garotos que trabalhavam no tráfico de drogas. As imagens brutas de “Falcão” haviam sido geradas e fornecidas à TV Globo pelo rapper MV Bill, pelo seu empresário, Celso Athayde, e pela Central Única das Favelas (Cufa). A reportagem ocupou metade do tempo editorial do programa. Um primor de jornalismo que catalisou os olhares do país, marcou época e ganhou vários prêmios.

Aquele era o conteúdo que eu imaginava. Para pautar a investigação jornalística brasileira e ao mesmo tempo ser a grande vitrine para essa produção no país, fosse ela realizada pela própria emissora ou por produtores independentes. Já dera certo. Muito certo. Por que não investir nesse caminho?

Ouvi que no *Globo Repórter* não se podia errar. O programa tinha uma média de audiência confortável, entre 30 e 35 pontos. E como era monotemático, um tiro n’água levaria o barco para o fundo de uma vez só. Aí, para recuperar, só na outra semana. Então não era o melhor lugar para eu treinar a minha mão em TV. Isto posto, Schroder me ofereceu duas alternativas. Uma, o *Fantástico*. Outra, o G1.

A resposta da TV Globo à ausência de espaço para o jornalismo investigativo veio a ser dada, de alguma forma, pelo *Profissão Repórter*, projeto de Caco Barcellos, um dos mais importantes repórteres da emissora. Ainda que, naquele início de jornada, os jovens repórteres dividissem o interesse editorial e as luzes das câmeras com a notícia em si, dando ao programa um certo ar de *reality show* ou de programa de calouros, esmaecendo um pouco o foco na investigação. E ainda que a pauta nem sempre se ativesse ao grande assunto da semana a ser decupado jornalisticamente. O *Profissão Repórter* começou como quadro no *Fantástico*, em 2006, e evoluiu em 2008 para voo solo como atração independente na grade da emissora.

Talvez eu devesse ter sido mais enfático na venda da minha ideia a Schroder, em vez de abrir mão dela ao primeiro sinal de que não era disso que ele queria falar. É um equívoco não se posicionar para não correr o risco de desagradar o interlocutor. Ao se deixar guiar unicamente por aquilo que você supõe ser a expectativa do outro, você não mostra a si mesmo. E com medo de decepcionar, você acaba escondendo o que tem de melhor.

Numa entrevista de emprego você precisa ter a noção de que está ali, antes de tudo, para resolver um problema para o seu futuro empregador. Mas retirar seu coração da arena é sempre um erro. Inclusive porque mostrar um pouco de autoconfiança, de capacidade de argumentação e de disposição para defender o seu ponto de vista costuma contar pontos a favor — e não contra. Ao menos em ambientes onde vale a pena trabalhar. Talvez haja situações em que você garanta a contratação precisamente pela docilidade com que desiste de suas convicções. Mas quem quer entrar num barco pagando esse preço?

De um lado, Schroder me oferecia o *Fantástico*, a revista semanal de domingo da emissora, um dos pilares da programação da TV Globo. O *Fantástico* tinha dezenas de reportagens a cada

edição — o que diluía o risco para um editor novato em televisão. O programa, ele dizia, era uma grande escola. Eu passaria um ano lá, aprendendo a fazer TV, e depois veríamos onde eu seria alocado em definitivo.

Ao lado disso, o *Fantástico* estava lutando para manter viva a sua relevância para as novas gerações de telespectadores. O programa envelhecia junto com a audiência conquistada no passado e enfrentava dificuldades para se renovar. Talvez a minha experiência na gestão bem-sucedida de conteúdos para o público jovem, na Abril, estivesse finalmente cumprindo seu papel de me credenciar àquele desafio.

A vaga que me foi oferecida no *Fantástico* era a de chefe de redação. O *Fantástico* tinha duas redações. Uma no Rio, com mais ou menos 30 pessoas, e outra em São Paulo, com mais ou menos 15. Eu seria o segundo na hierarquia, no Rio de Janeiro. E teria um par em São Paulo, Álvaro Pereira Jr. Ambos nos reportaríamos diretamente ao diretor do programa, Luiz Nascimento.

De outro lado, havia a opção de dirigir o G1, a área de notícias da Globo.com. O portal não se subordinava à TV e era a face digital das Organizações Globo, a marca com a qual a empresa se posicionou rapidamente como um dos principais portais de internet no Brasil, apesar de ter largado com quase 10 anos de atraso em relação aos principais competidores. (A própria TV Globo, vale lembrar, foi criada 15 anos depois da inauguração da televisão no Brasil. As emissoras líderes, em 1965, quando a TV Globo foi ao ar, eram a TV Tupi, de 1950, a TV Record, de 1953, a TV Rio, de 1955, e a TV Excelsior, de 1960.)

A montagem do G1 havia sido confiada ao jornalismo da TV Globo e não à Globo.com — portanto, era antes o braço digital da CGJ do que o braço noticioso do portal. E era um projeto ambicioso: produzir o melhor e maior site de notícias da internet brasileira.

Álvaro Pereira Jr., o chefe de redação do *Fantástico* em São Paulo, foi encarregado por Schroder de montar o G1. E estava a um passo de entregá-lo, naquele segundo semestre de 2006. Álvaro tinha desenvolvido boa parte de sua carreira no universo da *Folha de S.Paulo*, tendo chegado a exercer o cargo de editor-chefe do jornal *Notícias Populares*, o *NP*. Álvaro estava na TV Globo há uma década e era o segundo homem na hierarquia do *Fantástico*, o braço direito de Luiz Nascimento.

Schroder me encaminhou para um encontro com Luiz Nascimento, que aconteceria assim que ele voltasse da Copa. Além de dirigir o *Fantástico*, Luizinho, como era chamado, era o jornalista que chefiava todas as grandes transmissões esportivas da casa. Com mais de 30 anos de TV, ele havia passado por Esportes antes de assumir o *Fantástico*, há quase 15 anos. Era tido como o jornalista que mais entendia de televisão na TV Globo — rivalizando com o próprio Schroder na fama de dominar tecnicamente o veículo. Com esse prestígio, Luizinho deixava o *Fantástico*, em Copas do Mundo e Olimpíadas, se mudava para o país sede e de lá dirigia toda a transmissão do evento.

Luizinho também estivera por trás de uma das reportagens mais marcantes do telejornalismo esportivo brasileiro: o árbitro José Roberto Wright apitara um Flamengo e Vasco, em 1982, no Maracanã, com um microfone colado ao corpo, com o qual gravara secretamente as conversas que travava com os jogadores dentro de campo. Aquela era uma lembrança indelével na minha memória televisiva. Seria ótimo começar em televisão trabalhando com Luizinho. Eu tinha muito a aprender com ele.

(Seria perfeito — e imparcial — se aquela gravação tivesse sido feita também sem o conhecimento do árbitro. Esse efeito só seria alcançado quase 25 anos depois, na Copa de 2006, também com a assinatura de Luizinho, só que agora no *Fantástico*, com a ajuda da leitura labial, tendo o técnico Carlos Alberto Parreira,

além de outros membros da Seleção Brasileira, como objeto da perscrutação sonora.)

Na ausência de Luizinho, e também por sugestão de Schroder, fui conhecer Álvaro. Falamos do *Fantástico*, do G1, do trabalho na TV Globo, do trabalho em televisão, de aparecer no vídeo e de atuar nos bastidores. Falei um pouco de mim e da minha carreira. Álvaro falou um pouco dele e da sua. Falamos de nossas vidas e de nossas famílias, lembramos um pouco de amigos em comum e de pessoas que haviam, em momentos distintos, trabalhado conosco. Álvaro, alguns anos mais velho que eu, era um sujeito inteligente, articulado, seguro de si.

O G1, que acabou se transformando num enorme sucesso, estava pronto para estrear. Álvaro tinha montado tudo, contratado o time, desenhado os processos, negociado em vários níveis com a Globo.com. Ele tinha, por um tempo, para dar conta dessa tarefa, se afastado parcialmente do *Fantástico*. Mas não ficaria para tocar o G1 — estava decidido a voltar para a televisão. Então estava à procura de um sucessor.

Em minha análise, o G1 envolvia *hard news* — no jargão jornalístico, o noticiário de última hora, mais objetivo e factual, feito com as notícias mais recentes. E essa não era a minha praia. Eu vinha de revista, não de jornal. Além disso, o G1 acontecia na internet, ambiente em que eu só havia atuado de modo periférico até então. Sobretudo, era televisão o que havia me atraído nas Organizações Globo. Aquele era o meu interesse principal. Então optei pelo *Fantástico*.

Quando Luizinho voltou da Copa, fui ao Rio encontrá-lo. Disse a ele tudo que tinha dito a Schroder. Ele me ouvia em silêncio, de modo paciente. Sem aparentar entusiasmo, mas não sem interesse. Tinha às vezes o ar cansado, e parecia um pouco distante. Entendi que ele era um homem reservado. E que aquele era o seu jeito de conduzir uma conversa — com poucas palavras. Simpatizei com ele.

Luizinho usava um anel de prata meio hippie no dedão, roupas informais, cabelo e barba grisalhos. Era uns 20 anos mais velho do que eu e parecia um pouco como aquele tio vivido e viajado, que ouve mais do que fala, e que todo mundo gostaria de ter, para escutar de vez em quando um conselho marinado em experiência, uma dica prática sobre a vida ou uma reminiscência exemplar.

Luizinho tinha também o *physique du role* de um egresso da *intelligentsia* carioca dos anos 60 e 70, daquela classe média instruída, politizada e festiva que lia o *Pasquim*, frequentava o Jangadeiro e o Antonio's, e cultivava o astral meio boêmio, meio bicho-grilo, meio intelectual, meio contracultura, meio de esquerda, de uma Ipanema mítica que não existe mais. Enfim, como eu disse, simpatizei com ele.

Schroder me disse depois que Luizinho também havia gostado do encontro. E que havia dois pontos que precisaríamos afinar para finalizarmos a negociação daquilo que ele passou a chamar em alguns e-mails de “Projeto A” (e que eu respondia chamando de “Projeto F”): primeiro, a minha remuneração. Segundo, a obrigatoriedade da minha mudança para o Rio.

Na Abril, eu era diretor de Núcleo. Enquanto na TV Globo seria chefe de redação. De fato, havia aí uma lacuna financeira — que eu estava disposto a ajudar a mitigar.

De modo geral, a Abril oferecia um salário inicial maior e uma média salarial mais alta. A TV Globo tinha um teto salarial mais elástico — especialmente para as estrelas. E enquanto a TV Globo privilegiava a remuneração em dinheiro, a Abril oferecia um pacote de benefícios mais farto — especialmente para os executivos.

Era o momento de tomar uma decisão com minha mulher. Ela não simpatizava com a ideia de sair de São Paulo, de perto da sua família, onde tínhamos uma vida montada. Meus filhos, um casal de gêmeos, tinham na época pouco mais de seis meses de vida. Isso alterava um bocado a nossa sensibilidade ao risco, nossas percepções a respeito de quesitos como segurança e estabilidade.

Ela estava feliz por mim. Era solidária com aquela minha necessidade de mudança. E também reconhecia o óbvio — nenhum jornalista, naquele momento, recusaria o convite para ser chefe de redação do *Fantástico*. Era uma oportunidade atraente demais para ser declinada. Especialmente considerando a alternativa, que era continuar trabalhando sem alegria. Ela também queria voltar a ter um marido mais leve e sorridente. E um pai mais ensolarado para seus filhos.

Do meu lado, era difícil conviver com a ideia de que ela faria, em meu benefício, algo contra a sua vontade. Morar no Rio jamais tinha feito parte dos seus planos. Por fim, decidimos topar a experiência. Passamos a encará-la como uma aventura. Sabíamos que não aceitar aquele convite geraria um “E se...” eterno em nossa vida. Estabelecemos então que ficaríamos no Rio por cinco anos. Esse era o prazo que nos dávamos para explorar aquela oportunidade. Depois, repensaríamos o próximo passo.

Tive um último encontro com Schroder, em São Paulo. Ali selamos a minha contratação. A TV Globo me ofereceria um auxílio de relocação — hotel e passagens aéreas nos primeiros meses, participação no aluguel de um imóvel nos primeiros dois anos. E estávamos fechados. Eu comunicaria minha decisão à Abril e começaria a participar em seguida das primeiras reuniões com o time do *Fantástico* no Rio.

O que só viria a perceber depois é que eu não seria um elemento fácil de acomodar na estrutura funcional da TV Globo. Para usar um jargão do mercado de ações, eu era um ativo que estava entrando alavancado na carteira do comprador. Uma aquisição que precisaria começar a dar retorno rápido. Se eu não começasse a render dividendos logo, corria o risco de começar a ser visto como um mau investimento. Eu carregaria comigo a sombra dessa desconfiança, e o peso dessa aposta de risco, por todo o tempo em que estive por lá.

Deixei a Abril em novembro de 2006, depois de quase uma década de aprendizagens, alegrias, conquistas, crescimento e reconhecimento. Havia entrado lá como um jovem promissor de 27 anos e saía aos 35, com uma obra construída que me deixava orgulhoso. E com a sensação tanto de dever cumprido quanto de que era mesmo a hora de partir. A Abril, que havia sido a minha escola e a minha casa, foi generosa comigo na saída. E suficientemente compreensiva, até onde eu conseguia enxergar, com a minha necessidade de alçar voo.

Um amigo meu, carioca radicado em São Paulo, quando soube que eu estava indo morar no Rio e trabalhar na TV Globo, me sorriu largo, bateu no meu ombro e disse, com aquela saudade de casa que, segundo Nelson Rodrigues, todo carioca sente já ao atravessar o Túnel Rebouças, o que ele considerava um dia perfeito no Rio: num domingo de sol, acordar de manhãzinha, tomar um café da manhã no Cafeína, ficar na praia com a galera, pegando onda, até o início da tarde, tomar um banho de cachoeira na Floresta da Tijuca para tirar o sal, almoçar no Celeiro, pegar um jogo no fim da tarde no Maracanã e depois ir para um boteco no Baixo Leblon tomar um chope com os amigos até o final da noite. Uau!

Ao entrar na TV Globo pela primeira vez, ainda em São Paulo, como funcionário recém-contratado, para a assinatura dos papéis, experimentava uma sensação revigorante, muito gostosa, de recomeço, de frescor, de afirmação. Uma diretora de RH me disse, ao me conhecer pessoalmente — “Você tem a cara da TV Globo”. Era um elogio, com intenção de acolhimento, que eu aceitei sem esconder a felicidade que sentia por estar outra vez entusiasmado com o trabalho.

Eu estava chegando ao topo da profissão. O mundo era meu. Tudo, até onde a vista alcançava, estava ao meu alcance. Meu sentimento era mais ou menos esse: “Agora faço parte da TV Globo. Sou chefe de redação do *Fantástico*. Vou morar no Rio. Minha carreira está completa. Minha vida está ganha. Eu cheguei lá.”